

**Universidade de Brasília**  
**Departamento de Antropologia**

**Tópicos Especiais em Teoria Antropológica (Antropologia da Saúde) – 335231**

**Profa. Soraya Fleischer (fleischer.soraya@gmail.com)**

Primeiro semestre de 2018, quarta-feira, 8h30 às 12h00

**Etnografias do, no e com o SUS:  
Táticas de pesquisa, defesa e resiliência**

O Sistema Único de Saúde é a maior política pública no país, em termos de mão de obra, recursos, equipamentos e infraestrutura. Nascido nos anos 1980, como produto de diferentes fatores (redemocratização, movimentos sociais, aprimoramento da máquina pública, municipalização e autonomia, acesso à justiça e judicialização etc.), tem sido visto como uma das poucas iniciativas mundiais (ao lado de Canadá, Inglaterra, Cuba, por exemplo) em oferecer serviços de saúde universais a toda a população, inclusive àquela transitória, migrante e refugiada. A Antropologia brasileira sempre fez pesquisa dentro dos serviços de saúde, mas não necessariamente caracterizando seus resultados como uma “antropologia do SUS”. Aqui, a ideia é reunir e ler etnografias recentes, na forma de livros publicados e teses defendidas, que possam nos levar para dentro do SUS, para ver de perto suas instituições, atores, relações sociais, formas de gestão, prevenção, tratamento e acolhimento. Aqui, ao reunir, aproximar e fazer dialogar etnografias que foram realizadas recentemente no SUS, a expectativa é criar o efeito de potência do olhar da Antropologia. Em tempos de golpe político, anorexia do Estado e invalidação e desmonte do SUS, com o risco de deixar desassistida grande parte da população brasileira adoecida, é preciso conhecer para aprimorar e defender nosso sistema de saúde. O entendimento é de que a etnografia, com sua sensibilidade, presença, observação e reflexividade, possa servir como mais uma tática de comunicação e resiliência.

1. Vamos **ler e discutir** uma etnografia a cada par de encontros. Na primeira aula desse par, também leremos um documento oficial que ilustra e instaura oficialmente aquela política de saúde no SUS. É esperada a participação de todas/os com reflexões sobre as etnografias, com relatos de experiências de trabalho e pesquisa no SUS, com possibilidades comparativas com outros trabalhos lidos etc. (30%)
2. No segundo encontro relativo à essa etnografia, um **exercício**, de até três páginas, deverá ser entregue. Esse exercício deve responder a três conjuntos de questões, a saber: a) Como foram as estratégias para acessar e frequentar esse serviço de saúde? Que papéis e atuações a/o etnógrafo/o foi chamada/o a desempenhar durante a experiência de pesquisa? b) Como o SUS aparece descrito nessa dissertação/tese/livro? É possível vislumbrar seus espaços, sujeitos, histórias e dramas? c) Como a Antropologia pode contribuir para conhecer e compreender esse SUS? Que tipo de Antropologia pode ser produzida nessa convivência com o SUS? (50%)
3. Ao final, será escrita uma **carta** (de até sete páginas). A ideia é que cada estudante escolha um/a gestor/a (de UBS, DPU, CAPS, DSEI, hospital de alta complexidade etc.) que tenha sido concretamente apresentado e/ou descrito na etnografia e dirija a ele/a essa carta, na forma de um documento substanciado, a partir de dados, exemplos e argumentos que são apresentados pelas etnografias e por outros textos pertinentes e complementares. A carta deve ser pensada como um instrumento a ser idealmente entregue ao/à seu/sua destinatário/a e, como qualquer carta, pode incluir elogios, reclamações, desabafos, confidências, críticas, sugestões etc. A turma poderá pensar, ao final do curso, como proceder com esse conjunto de cartas. (20%)

**07/03**

Seminário: "Três anos de epidemia: Uma antropologia do pós-Zika" (Auditório do ICS)

**14/03**

Lendo no, sobre e com o SUS. FLEISCHER, Soraya e FERREIRA, Jaqueline (Orgs.). *Etnografias em serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2014.

**21 e 28/03**

BONET, Octavio. *Os médicos da pessoa. Um olhar antropológico sobre a medicina de família no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

**04 e 11/04**

SCOPEL, Raquel. *A cosmopolítica da gestação, parto e pós-parto: práticas de autoatenção e processo de medicalização entre os índios Munduruku*. Brasília: Paralelo 15, 2015.

**18 e 25/04**

INGRANDE, Dalila. *Habitar o cotidiano, construir territórios: uma etnografia das práticas de saúde mental comunitária no município de São Carlos, Estado de São Paulo, Brasil*. Tese [Doutorado em Antropologia]. São Carlos: UFSCar, 2016.

**02/05** - Descanso

**09 e 16/05**

FLORES, Lise Vogt. *"Na minha mão não morre": uma etnografia das ações judiciais de medicamentos*. Dissertação [Mestrado em Antropologia]. Curitiba: UFPR, 2016.

**23 e 30/05**

FLEISCHER, Soraya. *Descontrolada: Uma etnografia sobre os problemas de pressão*. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

**06 e 13/06**

TONIOL, Rodrigo. *Do espírito na saúde. Oferta e uso de terapias alternativas/complementares nos serviços de saúde pública no Brasil*. Tese [Doutorado em Antropologia]. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

**20 e 27/06**

Últimas conversas, leitura das cartas, avaliação e rumo do curso.